

PIRRONISMO CONTEMPORÂNEO

Barry Stroud

(University of California, Berkeley)

Email: barrys@berkeley.edu

Tradução: Jefferson dos Santos Marcondes Leite

(UNIFESP)

Email: kingdoomanathema@yahoo.com.br

Revisão: Plínio Junqueira Smith

(UNIFESP)

Email: plinio.smith@gmail.com

Escrever sob o título “Pirronismo Contemporâneo” resulta mais difícil do que poderia parecer. Quantos pirrônicos contemporâneos você conhece? No que eles acreditam?

A meu ver, todos os autores deste volume poderíamos ter dito que conhecemos ao menos um pirrônico contemporâneo e que todos conhecemos o mesmo. Ele é o autor das *Reflexões pirrônicas sobre o conhecimento e a justificação*¹. Esse é um livro que admiro muito, concordo com a maioria dele, aprendi muito com ele e tenho muita simpatia com seu espírito e com suas ideias.² O livro se propõe a explicar e defender o pirronismo como filosofia e essa filosofia me parece exatamente o tipo de resposta que, a meu ver, deveríamos dar ao que todos conhecemos à esta altura como a epistemologia tradicional. Então eu também, com base nessas razões, identificaria Bob Fogelin com um pirrônico contemporâneo.

Mas em algumas outras partes daquele livro, as quais se espera que sejam somente breves momentos de fraqueza, o autor parece perder a coragem e abandonar o que, na sua própria descrição do pirronismo, realmente importa. A fraqueza — se é isso que é — é compreensível. Provavelmente não é fácil ser um pirrônico. Mas talvez não seja realmente fraqueza. Talvez ele esteja disposto a defender aquelas partes desconcertantes do livro também. Então, ele é realmente um pirrônico? Ou o pirronismo

¹ Oxford University Press, Nova York, 1994. (As páginas numeradas sozinhas em parênteses no texto referem-se a esse livro).

² Ver a minha resenha em “*The Journal of Philosophy* 1995, p. 662-665”.

é algo mais do que ele diz que é nas partes do livro que eu mais admiro? Então, o que é? Isso começa a identificar o dilema em que me encontro. Acho que o melhor que eu posso fazer é explicá-lo mais detalhadamente.

Sem rodeios, o que eu não entendo é porque, tendo apresentado tanta perspicácia e tanto bom senso ao responder de maneira pirrônica a todo o empreendimento das explicações e justificações de nosso conhecimento do mundo em geral, sem colocar nenhuma de nossas crenças ordinárias ou científicas em dúvida, e tendo dado ao longo do caminho uma explicação do conhecimento que está admiravelmente livre de traços de relativismo ou contextualismo, Fogelin, no entanto, escorrega (ou talvez até pule) de volta na aceitação de uma maneira de pensar que o conduz para conclusões obviamente falsas sobre o que ele e o resto de nós sabemos. E ele aparentemente faz isso em nome do pirronismo. Isso é o que alguém interessado no pirronismo contemporâneo deve tentar entender melhor.

O pirronismo, como Fogelin primeiramente o descreve — o que ele às vezes chama “pirronismo atualizado” —, é uma forma de ceticismo *filosófico*. Isto é, uma resposta cética ou negativa para algo que surge *na filosofia*. O que surge lá é uma preocupação com a possibilidade do conhecimento humano em geral. Este é o assunto da “epistemologia filosófica”. Esta tenta explicar o conhecimento humano do mundo em geral ou, ao menos, tanto quanto dele pode ser explicado em termos gerais. É a tentativa de explicar como nós conhecemos ou temos boas razões para crer em tudo ou na maioria das coisas que pensamos que sabemos e de mostrar que e como nossas crenças sobre o mundo são, em geral, justificadas, garantidas ou bem apoiadas nas razões que temos para sustentá-las.

O pirrônico atualizado sustenta que essa tentativa pode nunca ser bem sucedida. Esse é o veredito cético ou negativo. Nenhum argumento partindo das razões que os epistemólogos filosóficos pensam que temos para nossas crenças básicas pode fornecer apoio para aquelas crenças sem incidir na circularidade, regresso ao infinito ou afirmação arbitrária. Todas as justificações propostas cairão sob um ou outro dos Modos de Agripa criados pelos cétricos antigos e, portanto, falharão. Isso é o que o filósofo pirrônico argumenta. Ele não quer dizer que nenhum raciocínio pode evitar essas armadilhas. Simplesmente, ele invoca os modos da circularidade, do regresso ao infinito e o restante contra o empreendimento epistemológico de mostrar como nossas crenças em geral são justificadas sobre os supostos fundamentos. Evitar essas armadilhas é uma condição de sucesso desse empreendimento e o pirrônico argumenta somente que essa condição não pode ser satisfeita dentro dos termos desse empreendimento.

Essa é exatamente a maneira como os céticos da antiguidade argumentavam contra a teoria estoica do conhecimento. Os estoicos sustentavam que o conhecimento é possível somente porque nós, às vezes, temos percepções cognitivas ou “katalépticas”, que possivelmente não poderiam estar erradas. Os céticos argumentavam que, dado o que se supõe ser uma percepção “kataléptica” ou o que teria de ser para produzir conhecimento da maneira como os estoicos afirmavam, não existem nem podem existir essas percepções. Assim, com base nos próprios termos dos estoicos, o conhecimento é impossível. Essa é uma afirmação condicional, que é feita somente sobre ou de dentro da concepção estoica de conhecimento. Ela não implica que ninguém sabe nada. Ela não significa (implica) que as pessoas não deveriam crer nas coisas que elas creem agora. Ela não diz nada sobre o conhecimento ou crenças de qualquer ser humano real na terra, exceto isto: *se* a pessoa sabe coisas somente se têm percepções “katalépticas”, *então* ninguém sabe nada.

Conseqüentemente, o pirrônico atualizado diz que o problema filosófico da justificação de nossas crenças em geral não pode ser resolvido. Nos padrões implícitos naquele projeto, cada um deveria, falando rigorosamente, reter o juízo sobre tudo. “Nós não sabemos nada (ou quase nada)” é a única conclusão razoável do projeto justificacionista tradicional da epistemologia filosófica.

Esse, eu acredito, é o ceticismo filosófico como Fogelin o entende. Ora, eu, por exemplo, acredito nessa proposição condicional sobre o projeto epistemológico tradicional. Entendido corretamente, o projeto não pode ser bem sucedido. Se isso é pirronismo, então talvez haja ao menos um pirrônico contemporâneo afinal de contas. Se assim for, então acho que há dois de nós, porque essa é a proposição que Fogelin defende e aceita na segunda metade das *Reflexões pirrônicas sobre o conhecimento e a justificação*. É uma entre as muitas coisas nesse livro a respeito das quais concordo com ele. Mas talvez essa única crença não seja suficiente para tornar alguém um pirrônico.

Alguém que chega a esse veredito pirrônico a respeito do empreendimento familiar da epistemologia tradicional poderia estar feliz em ver o fim desse projeto. Ele poderia, então, se voltar com alívio para outras coisas, talvez até mesmo para a questão muito diferente do diagnóstico de como poderia parecer que existe esse problema epistemológico ou o que pode fazê-lo parecer tão premente. Isso, por si mesmo, poderia resultar em algo profundamente interessante e iluminador, especialmente se, como acredito, há uma tendência muito forte para continuar a pensar de maneiras que geram aquele problema, mesmo entre aqueles que dizem não ter interesse nenhum em epistemologia. Somente quando surgisse alguém com o que parece ainda outra forma de

mostrar como todas as nossas crenças sobre o mundo em geral realmente são finalmente justificadas, o pirrônico teria que voltar a ressaltar novamente como a coisa toda, mesmo nessa nova forma, não pode realmente decolar.

Algo que um pirrônico que se afastou do projeto filosófico tradicional poderia fazer é saber coisas. Ou, pelo menos, nada que ele tinha mostrado em seu engajamento dialético com aquele projeto implicaria que ele não possa saber. Assim, ele frequentemente poderia dizer que ele sabe tais e tais coisas e estaria certo no que diz, assim como poderia pensar que muitas outras pessoas estão certas. Ele também poderia ter interesse no que está dizendo quando ele e outros dizem essas coisas. Ele poderia tentar dizer o que a palavra “conhecimento” quer dizer ou o que as pessoas querem dizer quando dizem algo da forma “*S* sabe que *p*”. Ele também poderia tentar descrever as condições sob as quais as pessoas dizem comumente essas coisas. De fato, é difícil ver como ele poderia dizer o que quer dizer sem prestar atenção nas condições sob as quais as pessoas o dizem.

Descobertas desse tipo sobre sua comunidade linguística não implicariam realmente por si mesmas que alguém sabe alguma coisa de fato — que afirmações com a forma “*S* sabe que *p*” são às vezes verdadeiras. Mas isso não importa. Um pirrônico com interesses semânticos não precisa tentar responder aquela questão. Nem o que ele descobrir sobre como ele e seus companheiros, os seres humanos, se comportam, oferece uma resposta satisfatória para as questões levantadas pela “epistemologia filosófica”. Mas, de qualquer forma, ele já acredita que não há resposta positiva satisfatória para esta questão. Embora o que ele descobre sobre como a palavra “conhecer” seja usado e o que significa não responda àquelas questões de maneira nenhuma, o que ele descobre ainda poderia ser verdade e ele poderia saber que é verdade. Ou, ao menos, não há nada sobre o pirronismo ou sobre ser pirrônico que implique que ele não poderia saber.

Como um pirrônico, Bob Fogelin diz o que o conhecimento é. “*S* sabe que *p*” significa ‘*S* justificadamente crê que *p* com base em razões que estabelecem a verdade de *p*’ (p. 94). Isso é o que alguém diz de uma pessoa ao dizer que a pessoa sabe que *p*, seja a pessoa em questão o falante ou outra pessoa. Dizer que uma pessoa sabe alguma coisa envolve tomar uma posição sobre a adequação das razões dessa pessoa para a crença. Uma afirmação de conhecimento pode ser negada ou mostrada como falsa porque as razões não estabelecerem realmente a verdade da crença ou porque não se chegou justificadamente à crença, mesmo que a pessoa que fez a afirmação pense que ambas as condições sejam satisfeitas. Aquele que tem ou obtém depois informações que não estavam disponíveis para a pessoa que estava fazendo a afirmação poderia saber que, por

uma dessas razões (ou por ambas), a afirmação de conhecimento é falsa. Isso é o que Fogelin pensa que acontece quando ouvimos casos como aqueles parecidos aos casos de Gettier, nos quais concordamos que a pessoa em questão não sabe, mesmo ele tendo uma crença verdadeira que está apoiada de uma certa maneira. Esses exemplos não valem contra a definição de conhecimento de Fogelin, uma vez que descobrimos, ou que a pessoa não chegou justificadamente à crença, ou que suas razões, de fato, não estabelecem a verdade do que ele crê. A pessoa não sabe, mas a definição de conhecimento continua válida.

Afirmar que as razões da crença de uma pessoa *estabelecem* a verdade dessa crença não significa dizer que as razões implicam que a crença é verdadeira. Um falante não tem que pensar que suas razões tornam absolutamente impossível a falsidade de sua crença para pensar que elas estabelecem sua verdade. Ao dizer que elas estabelecem sua verdade, ele está fazendo uma afirmação ou um compromisso epistêmico, não uma observação sobre implicação. É uma afirmação que, sob certas circunstâncias, pode estar errada e se poderia mostrar que está errada.

Todos nós fazemos afirmações de conhecimento com base nessas razões sem ter considerado toda e qualquer possibilidade que, se realizada, significaria que não saberíamos o que afirmamos saber. O mesmo é verdade para afirmações em geral, não somente para afirmações de conhecimento. Propomos algo como verdadeiro sem considerar cada uma das maneiras possíveis nas quais isso poderia ser falso, se for falso. Esse fato sobre as condições sob as quais as pessoas afirmam ou declaram saber coisas também é algo que um pirrônico pode vir a saber por observar seus companheiros seres humanos. Dizemos coisas reconhecendo plenamente que poderíamos estar errados nas coisas que dizemos. É claro, não pensamos que estamos errados no momento em que as dizemos. Mas dizemos coisas e acreditamos que são verdadeiras, enquanto reconhecemos que somos seres humanos falíveis. Tanto quanto posso ver, um “pirrônico atualizado” pode saber que nos comportamos dessas maneiras. E ele, como o resto de nós, engaja-se nestas mesmas práticas.

É em algum lugar dentro dessa área que nós nos aproximamos do ponto — o topo da ladeira, por assim dizer — no qual começa o que parece ser um retrocesso por parte de Fogelin de seu pirronismo. O pirrônico deixa para trás o problema filosófico da explicação da possibilidade do nosso conhecimento geral do mundo. Ele vê que o seu fracasso não apresenta nenhum obstáculo para o conhecimento que nós todos afirmamos e possuímos na vida cotidiana. Mas Fogelin pensa que, se refletirmos sobre como e em quais circunstâncias todos nós fazemos afirmações de conhecimento na vida cotidiana,

começaremos a ficar com pé atrás sobre nossos supostos conhecimentos. Ele, de qualquer forma, fica com pé atrás. Ele se encontra inclinado a dizer que não sabe alguma das coisas muito ordinárias e aparentemente inquestionáveis, as quais ele teria dito que tinha certeza que sabia antes de começar a refletir sobre o que ele chama de nossas “práticas epistêmicas”. E ele pensa que todos nós podemos ser levados a concordar que, falando estritamente, nós não sabemos essas coisas também.

Ora, por que será que ele pensa assim? E está ele sendo um pirrônico ao pensar isso? Ou ele abandona seu pirronismo na medida em que segue essa inclinação? Essas são as questões que me parecem difíceis de responder.

Uma razão pela qual penso ser difícil ver por que ele pensa que a reflexão sobre esse aspecto de nossas “práticas epistêmicas” tenderá a ter esse efeito comprometedor é que penso ser difícil determinar o que vem realmente a ser a reflexão que ele tem em mente. Ele pensa que essa pode começar do que parece uma “reclamação legítima” ou questão que uma pessoa que ele chama de “o crítico filosófico da nossa forma comum de fazer juízos epistêmicos” poderia levantar. Ora, em primeiro lugar, não é claro quem ele pensa que esse personagem é. Ele é o epistemólogo tradicional cujo projeto justificatório o pirrônico crê poder mostrar que está fadado a fracassar? Conceder que não podemos saber nesses padrões tradicionais presumivelmente deixa o conhecimento cotidiano e nossas “práticas epistêmicas” intocadas. Ou esse observador filosófico de “nossas formas comuns de fazer juízos epistêmicos” é simplesmente o pirrônico curioso, meditando sobre a vida humana? Se assim for, qual é a sua preocupação? Ou esse “crítico filosófico” é ainda outra pessoa? Ele é Bob Fogelin? E se for, qual é a sua preocupação?

Diz-se que a preocupação começa com o fato de que afirmamos saber coisas sem considerar explicitamente cada uma das maneiras nas quais o que dizemos poderia ser falso. Mas, e assim é como Fogelin primeiro apresenta a reflexão: “como podemos dizer que as razões *estabelecem* a verdade de uma proposição, enquanto admitimos ao mesmo tempo que essas razões não excluem completamente a possibilidade de que a proposição em questão é falsa?”. Não obstante, a reflexão continua: “se reconhecemos que uma proposição pode ser falsa, não temos *razões para duvidar* dessa proposição e ter razões para duvidar de alguma proposição não é incompatível com *conhecimento* de que é verdadeira?” (p.89).

Ora, concedamos, sem entrar mais cuidadosamente nos detalhes, que se reconhecemos que algo em que cremos pode ser falso, então teríamos razões para duvidar que isso é verdadeiro. E concedamos que ter razões para duvidar que uma certa coisa é verdadeira é incompatível com saber que esta é verdadeira. Como é que isso equivale a

uma dificuldade para dizermos que as razões de uma pessoa estabelecem a verdade de sua crença sem logicamente implicar que é verdadeira? Poderia haver uma dificuldade se, ao dizer que as razões para uma crença estabelecer sua verdade sem excluir completamente a possibilidade de que a proposição é falsa, estaríamos concedendo que, mesmo dadas essas razões, a proposição *pode* ser falsa. Mas isso certamente não é correto. Uma pessoa que descobre que a verdade de uma crença é *estabelecida* por suas razões – mesmo se essas razões não a impliquem – sustenta que a crença é verdadeira. Ela não pode, então, sustentar que a crença *pode* ser falsa.

Certamente parece que Bob Fogelin não está fazendo essa suposição. Ele cuidadosamente explica e defende a importância do veredito de que as razões de uma pessoa estabelecem a verdade da sua crença e a importância do caráter epistêmico especial desse veredito, mesmo que elas não a impliquem. Esta é a chave de toda a sua explicação do conhecimento. Podemos explicar em um caso particular como e por que pensamos que um conjunto específico de razões estabelece a verdade de alguma coisa em que a pessoa acredita. Então, pensamos que a verdade dessa crença foi estabelecida. É claro, não podemos explicar a ideia de “estabelece a verdade de” em termos não epistêmicos, que mencionam somente a relação entre as proposições acreditadas; não há definição ou redução da ideia em um vocabulário neutro e sem garantia. Supor que deveria haver seria sermos vítimas de algo parecido com a falácia naturalista de G. E. Moore. Isso é o que Fogelin pensa que maioria dos “epistemólogos de definições de conhecimento” sofreu desde o desafio de Gettier em 1963, se não antes. Ao dizer que as razões estabelecem a verdade de uma crença, uma pessoa está tomando ela própria uma posição com relação à adequação do apoio epistêmico para a crença que ela considera verdadeira.

Portanto, não vejo como Fogelin poderia estar tentado pelo tipo de reflexão que acabo de considerar. Mas devo dizer que ele *parece* estar tentado por ela. Eis o que ele diz:

Normalmente ignoramos essas possibilidades [remotas, que tornariam nossas asserções falsas], mas se nos demormos sobre elas, nosso nível de escrutínio subirá e nos encontraremos relutantes em afirmar saber muitas coisas que normalmente aceitamos com itens de conhecimento. Eu, por exemplo, sei meu próprio nome? Isto me parece ser uma parte do conhecimento que possuo com certeza. Mas talvez, por meio de uma troca no hospital, fui uma criança trocada. De fato, sou Herbert Ortcutt e a pessoa que se chamou “Ortcutt” é realmente RJF. Essas coisas, afinal, acontecem. Dada esta possibilidade, eu sei meu próprio

nome? Estou inclinado a dizer que eu não sei... [E ele pensa que não está só]... Quando pressionadas dessa maneira as pessoas... reconhecerão que, falando estritamente — se você for exigente —, dado que não sabem que não foram trocadas na maternidade, elas não sabem o seu próprio nome. (p. 93-94)

Ele diz, “dada a possibilidade de que houve uma troca no hospital, estou inclinado a dizer que não sei meu próprio nome”. Ora, em que sentido aquela possibilidade está “dada”? Trata-se de sua razão para crer que seu nome é Bob Fogelin não implicar logicamente que não houve troca no hospital, e, portanto, não implicar que aquele é o seu nome? Bem, primeiro, eu me pergunto se isso é, de fato, verdade? Não há *nada* nas suas razões que implica que não houve troca no hospital? Não é provável que parte das suas razões para crer que o seu nome é Bob Fogelin é que ele recebeu esse nome no hospital e que ele ainda o tinha (por assim dizer) quando chegou em casa? E isso não *implica* que não houve troca no hospital? Ou será que suas razões para crer nessas razões, por sua vez, não as implicam? Será que até isso é verdade? Ou, antes, será que ele *ter* essas razões não implica que não houve troca? Mas podemos estar certos que até isso é assim?

De qualquer forma, concedamos que não há nada em suas razões que *implique* que não houve troca no hospital. Então, a possibilidade em questão é uma falha de implicação de uma coisa por outra. Dado a verdade de suas razões, ainda seria possível que tenha ocorrido uma troca no hospital. Mas quando disse que sabia que o seu nome era Bob Fogelin, ele estava dizendo que suas razões para essa crença estabelecem a sua verdade, então como a mera falha de implicação funciona para minar esse seu juízo epistêmico? Por que ele está inclinado a dizer que “Dada essa possibilidade, eu não sei”?

Isso não é desafiar o que ele realmente diz sobre o resto de nós. Ele diz que, quando pressionadas, as pessoas reconhecerão que, “dado que não sabem que não foram trocadas, elas não sabem seus próprios nomes”. E isso é provavelmente verdade. Se não sabem que não foram trocadas, então não sabem quem são, e provavelmente admitiriam isto. Mas como se deve mostrar que as pessoas não *sabem* que não foram trocadas? O fato de que a verdade de sua crença que não foram trocadas não é implicada logicamente pelas suas razões para crer nisso não mostra que elas não sabem isso. Na explicação do conhecimento de Fogelin, quando uma pessoa diz que sabe que ela não foi trocada e que sabe qual é seu nome, ela diz que as suas razões estabelecem a verdade do que ela crê. Então, o que leva Bob Fogelin a reter essa afirmação epistêmica no seu próprio caso?

Ora, ele poderia estar confiando em alguma coisa aqui que ninguém mais sabe e que ele está relutante em revelar. Ele diz que talvez seja Herbert Orcutt e que o homem

conhecido todos estes anos como “Ortcutt” é, de fato, Bob Fogelin. Este nome, “Ortcutt”, é imediatamente suspeito. Sabemos que se acredita que pelo menos um dos Ortcutts é um espião. Esse é Bernard J. Ortcutt, cabelos grisalhos, pilar da comunidade, às vezes visto em circunstâncias suspeitas usando um chapéu marrom.³ Mas as atividades subversivas de Bernard J., embora impressionantes, não seriam nada comparadas com o engodo que o irmão Herbert teria conseguido, se a especulação de Fogelin, ou Herbert Ortcutt, estiver certa.

Mas não, eu não penso que Bob tem informações secretas que ele não pode revelar. Ele simplesmente reflete sobre a *possibilidade* de uma troca. Mesmo dada todas as suas razões para crer que seu nome é Bob Fogelin, essa possibilidade é aparentemente o que o inclina a dizer que ele não sabe seu próprio nome.

Outra forma em que ele expressa a reflexão é dizer “parece inteiramente natural perguntar como as razões podem estabelecer a verdade de algo quando, ao mesmo tempo, há possibilidades destruidoras que não foram eliminadas” (p. 94). Isso pretende ser uma descrição do que fazemos — de nossas “práticas epistêmicas”. Quando afirmamos saber alguma coisa, “nós *asserimos* alguma coisa, portanto, nos comprometemos com isso sem reservas, enquanto, ao mesmo tempo, deixemos não eliminadas possibilidades refutáveis elimináveis. (p. 94)”.

Mas se eu digo que eu sei que o nome desse homem diante de nós é Bob Fogelin — algo que eu certamente direi, e sem reservas — eu deixo “não eliminada” a possibilidade de que houve uma troca no hospital e, em vez disso, ele realmente é Herbert Ortcutt? A meu ver, não deixo. Digo que sei que o nome desse homem é Bob Fogelin, filho dos pais de Bob Fogelin, então o que digo é inconsistente com uma troca no hospital e, nesse sentido, elimina ou exclui a troca. O que eu acredito ser estabelecido por minhas razões elimina aquela possibilidade como real. “Mas que razão você tem para eliminar essa possibilidade?”, alguém poderia perguntar. Digo que tenho todas as razões que tenho para crer que o seu nome é Bob Fogelin. E essas razões, julgo, são suficientes para *estabelecer* a verdade disso. É com isso que eu me comprometo ao dizer que sei que o seu nome é Bob Fogelin.

Isso pode parecer presunçoso ou arrogante de minha parte. Como posso afirmar saber que o nome desse homem é Bob Fogelin quando o próprio homem está inclinado a dizer que ele não sabe isso? Não tenho de admitir que poderia estar errado sobre não ter havido troca alguma no hospital? Afinal, essas coisas acontecem, como Bob diz. Bem,

³ W.V. Quine. “Quantificadores e atitudes proposicionais”, em seu *Os caminhos do paradoxo*, Random House, Nova York, 1966, p.185.

sim, elas acontecem, mas ao dizer que sei o seu nome, estou dizendo ou sugerindo que essas coisas não aconteceram neste caso. Admito que não sou infalível. Alguém que sabe ou tem razões para crer em alguma coisa da qual não estou ciente pode concluir razoavelmente que estou errado — que minhas razões não estabelecem que o seu nome é Bob Fogelin no final das contas. Esse é um desenvolvimento possível. O assunto pode ser decidido somente observando as razões para duvidar da pessoa. Da mesma forma, com a minha opinião sobre Bob Fogelin (ou esse homem que agora está diante de nós). A meu ver, ele está errado ao dizer que as suas razões não estabelecem a verdade de que seu nome é Bob Fogelin. A meu ver, ele sabe. Ele está inclinado a dizer que não sabe. O assunto pode ser decidido somente observando as razões para duvidar da pessoa. Mas esse é justamente o meu problema: quais são as suas razões para duvidar?

Ele se encontra relutante em afirmar que sabe seu próprio nome quando “se demora” sobre possibilidades como uma troca no hospital. O que ele pensa que acontece quando nos demoramos sobre tais possibilidades é que “nosso nível de escrutínio” de nossa afirmação para conhecer “subirá e ficaremos relutantes em afirmar saber muitas coisas que normalmente aceitamos como itens do conhecimento” (p. 93). “A reflexão sobre possibilidades remotas”, ele diz, “podem subir o nível de escrutínio e, então, levar-nos a retirar compromissos epistêmicos de uma maneira geral” (p. 94).

É difícil ver como a reflexão sobre a possibilidade pode ter esse efeito sobre as nossas afirmações de conhecimento, especialmente dado o próprio conceito de conhecimento de Fogelin. A possibilidade envolvida neste caso é a de que seu nome não é Bob Fogelin (por causa de uma troca no hospital), mesmo que nossas razões para crer que esse é o seu nome sejam verdadeiras. Demorar-se sobre essa possibilidade seria, portanto, demorar-se sobre uma falha de implicação. Isso é suficiente para subir o “nível de escrutínio” de nossa afirmação de conhecimento? Eu não penso assim se, enquanto nos demoramos sobre o fato de que nossas razões não *implicam* o que afirmamos saber, podemos também, ao mesmo tempo, refletir sobre quais razões *estabelecem* isso. Descobriremos, então, que a possibilidade em que nos demoramos não é real. O que pensamos é estabelecido e, assim, conhecido, é algo que implica que não houve troca no hospital. Claro, isso não é tudo que isso implica. O nome dele ser Bob Fogelin também implica que, mesmo depois do hospital, aqueles Ortcutts sorrateiros não entraram na casa dos Fogelin e o substituíram pelo seu próprio bebê, Herbert, que era um sócia tão perfeito do bebê Fogelin que, assim, seus pais nunca notaram isso. E, é claro, implica a não realidade de muitas outras possibilidades semelhantes.

Assim, ainda não sei quais reflexões sobre as possibilidades podem ter esses efeitos devastadores sobre nosso conhecimento. Mas, agora, deixe-me voltar à questão se aquelas reflexões, quaisquer que sejam, são reflexões “pirrônicas”. Fogelin diz que a reflexão pode “levar-nos a retirar compromissos epistêmicos de uma maneira geral”. Assim, “o reconhecimento de que fazemos afirmações de conhecimento sem [eliminar esses revogadores]”, ele diz, “nos dá um desafio cético tão robusto quanto se poderia desejar” (p. 193). Este desafio é um desafio cético “pirrônico”? Ele diz que revela “a fragilidade de nossas práticas epistêmicas comuns” (p. 193). Então, eu pergunto: alguém que nota essa “fragilidade”, se demora sobre ela e, assim, é vítima da retirada geral do compromisso epistêmico sobre as coisas que pensava que sabia na vida cotidiana, realmente está exibindo o verdadeiro espírito do pirronismo?

Ele parece muito longe do pirrônico despreocupado descrito no início. Aquele era alguém que, tendo mostrado a impossibilidade de qualquer resposta positiva para a questão tradicional do filósofo sobre o conhecimento em geral, mesmo assim permanece tranquilo e calmamente continua afirmando saber muitas coisas, normalmente está certo sobre elas e avalia positiva e negativamente as afirmações de conhecimento cotidianas dos outros em sua comunidade. Mas, no final do livro, o pirrônico é descrito como alguém que nota e reflete sobre a “fragilidade” das práticas em que ele se engaja e, como uma “consequência natural”, descobre que “soltou o que equivale a um ceticismo não mitigado” (p.195) sobre todo o conhecimento. O dilema a que ele é levado é simplesmente “incapaz de solução” (p. 203).

A meu ver, alguma coisa está errada aqui. O que está em jogo não é simplesmente a questão de um rótulo — isso é pirronismo ou não? O que está em jogo é se a reflexão sobre o conhecimento humano nos deixa ou deve nos deixar vulneráveis a esse tipo de colapso. E se for assim, que tipo de reflexão faz isso? Aqui está algo em que eu realmente discordo de Fogelin.

Ele diz que a reflexão sobre as condições sob as quais nós fazemos afirmações de conhecimento cotidianas sobem “o nível de escrutínio” de modo que somos levados a abandonar essas afirmações e a negar as afirmações dos outros. Para sermos levados a essas dúvidas, ele pensa que não precisamos invocar o que chama de “cenários céticos”. Estes são possibilidades “sistematicamente não elimináveis” (p. 91), ou “globalmente deslocados”, ou “radicais” (p. 193), como sonhos, alucinação total ou, talvez, um cérebro em uma cuba. Essas possibilidades não são necessárias, porque a reflexão a respeito “do fato que nossas afirmações empíricas são feitas em face de revogadores não verificados,

embora seja possível verificá-los” (p. 193) é suficiente para subir “um desafio tão robusto quanto se gostaria”.

Isto é o que eu negaria. Pelo menos, fui incapaz de identificar qualquer reflexão sobre essas possibilidades que, a meu ver, teria esse amplo efeito devastador. Fogelin sustenta que “a teoria do conhecimento, em sua forma tradicional, tem sido uma tentativa de encontrar formas de estabelecer afirmações de conhecimento de uma perspectiva em que o nível de escrutínio foi elevado somente pela reflexão” (p. 99). Não discordo disso, tal como está. Somente a reflexão pode nos apresentar uma questão sobre o conhecimento do mundo em geral. E eu realmente penso que refletindo sobre o nosso conhecimento de dentro do projeto justificatório tradicional, nós acabamos e devemos acabar em um ceticismo total. Isso é o que “o ceticismo pirrônico” diz e isso é o que Fogelin argumenta na segunda metade do seu livro. Todos concordamos com isso.

Mas, a meu ver, as reflexões que têm esse resultado negativo nesse projeto não são somente reflexões sobre o fato de fazermos afirmações de conhecimento sem verificar cada uma das maneiras possíveis em que o que dizemos poderia estar errado. A meu ver, a razão de o “ceticismo pirrônico” estar correto em sua resposta ao projeto epistemológico tradicional é precisamente porque as possibilidades ameaçadoras, neste caso, *são* sistemática ou globalmente não elimináveis. As reflexões que levam àquele problema tradicional repousam na ideia de que todo o conhecimento do mundo ao nosso redor vem fundamentalmente da percepção e na de que o que recebemos na percepção pode ser visto como sendo limitado em certa forma sistemática. Uma vez que se mostra ou se concede que poderíamos perceber tudo o que percebemos mesmo que o mundo ao nosso redor fosse muito diferente do que cremos que é com base em todas as nossas percepções, não há nenhuma maneira para alguém obter alguma razão para crer uma coisa em vez de outra sobre o mundo ao nosso redor. Neste ponto, o arsenal pirrônico dos modos de Agripa entra em jogo.

Qualquer tentativa de ir do que obtemos na percepção para alguma coisa além dela no mundo ao nosso redor incidirá na circularidade, no regresso ou numa suposição injustificada. Será circular porque você tem de apelar para uma ou outra coisa além do que é percebido para obter alguma razão para crer em algo que vai além do que é percebido. Será uma regressão porque o que quer a que se possa apelar (alguma coisa percebida) somente poderia fazer o que se exige dele com a ajuda de alguma outra coisa do mesmo tipo (algo percebido) e assim por diante sem fim. Ou repousará numa suposição injustificada, se você somente se servir de alguma coisa além do dado percebido para apoiar uma conclusão sobre o mundo além. Somente com o que está do

lado da percepção, não há maneira legítima de ir além dela. O fracasso sistemático de todas essas tentativas de transcender o dado disponível é o que as reflexões pirrônicas revelam. Neste ponto, como eu disse, penso que o pirronismo está completamente certo e pelas razões que ele nos dá.

Com as afirmações de conhecimento como as entendemos na vida diária, as coisas não se passam do mesmo jeito. Considere a afirmação cotidiana de Fogelin que ele sabe seu próprio nome — antes de ele começar a ter dúvidas. Não se pode mostrar que qualquer coisa que o pirrônico invoca para mostrar que o conhecimento como o epistemólogo tradicional tenta explicar é impossível impede o conhecimento cotidiano. Fogelin menciona a possibilidade de uma troca no hospital, mas pode-se mostrar que essa possibilidade não é real e, assim, está eliminada. E se pode fazer isso sem cair em qualquer circularidade, regresso ao infinito ou suposição injustificada. Suponha que depois de todos esses anos descobre-se que havia uma câmera de segurança funcionando no hospital e que ela continuamente filmou o jovem Fogelin desde o seu nascimento até a hora de sua alta do hospital. Podemos assistir ao filme e ver que não houve troca. Isso resolveria a questão sem circularidade ou regresso: não houve nenhuma troca no hospital. Mas nada poderia resolver a questão filosófica tradicional de qual das várias possibilidades competidoras é correta no mundo ao nosso redor, se se puder resolver somente pela percepção e o que quer que alguém pudesse perceber sempre fica aquém dos estados de coisas do mundo.

Essa é uma diferença entre o conhecimento na vida cotidiana e o que o projeto epistemológico tradicional exige. Outra diferença é que se afirmo aqui e agora saber que o nome desse homem é Bob Fogelin — assim como afirmo — e me perguntam que razões eu tenho para eliminar a possibilidade de que houve uma troca no hospital, posso responder — como respondi — que tenho todas as razões que tenho para crer que o seu nome é Bob Fogelin. Essas razões, eu acredito, estabelecem que esse é o seu nome e isso, por sua vez, implica que não houve troca. A possibilidade é eliminada por ser inconsistente com algo que eu sei. É assim como eu sei que não houve troca.

Mas o que parece ser este mesmo tipo de movimento não funciona dentro do projeto epistemológico tradicional. Eu não elimino com sucesso a possibilidade de que estou sonhando que há um tomate diante de mim afirmando que sei que o tomate que eu vejo está realmente ali e, portanto, que eu sei que não estou sonhando. Posso *dizer* que isso é algo que sei e o que eu disse implica que a possibilidade do sonho não é real, mas, uma vez que reconheço que todas as minhas percepções são restritas da maneira de que depende o problema tradicional, percebo que tenho de retirar o que eu disse. A posição

em que entendo estar não me dá mais razão para crer que há um tomate ali do que não há. Mas no caso cotidiano, se eu penso que todas as minhas razões estabelecem a verdade que o nome desse homem é Bob Fogelin, e nada surge para revelar que essas razões são mais fracas do que eu pensava, posso com as mesmas razões continuar a afirmar saber que aquele é o seu nome e também afirmar saber qualquer outra coisa que eu sei que se segue disso.

Essa concepção filosófica dos recursos limitados da percepção está no coração do projeto tradicional. Qualquer concepção que restringe sistematicamente o tipo dos dados disponíveis para nós como razões para conhecer traz consigo essa conclusão cética desastrosa. Isso é o que o uso pirrônico dos modos de Agripa revela, tal como os céticos da antiguidade expuseram as consequências desastrosas da concepção estoica de percepção e conhecimento. Mas essas consequências são desastrosas somente para aquelas filosofias, somente dentro de um empreendimento filosófico e somente com aquelas concepções restritivas da percepção. E as concepções restritivas do que está disponível em qualquer percepção possível envolvem o uso do que Fogelin chama de “cenários céticos” — possibilidades gerais “global” e “sistematicamente não elimináveis”. O veredito pirrônico negativo pode ser uma proposição condicional correta sobre qualquer empreendimento epistemológico desse tipo, sem ter quaisquer implicações num ou noutro sentido para o que fazemos ou deveríamos fazer na vida cotidiana ou científica.

Esse, então, é o problema com o qual eu me defrontei. Bob Fogelin é um pirrônico contemporâneo ou não? Sabemos que ele é contemporâneo, mas ele é um pirrônico? A questão é se, nessas reflexões que produzem sua inclinação para dizer que não sabe seu próprio nome, ele está seguindo somente reflexões pirrônicas. Ou ele foi seduzido para longe do pensamento pirrônico, não tendo se livrado completamente do tipo de pensamentos corruptores que mantém viva a preocupação tradicional com a possibilidade do conhecimento humano em geral? Há sinais perturbadores de que esse poderia ser o caso. Ele diz que, a seu ver, “as exigências para os modos filosóficos de justificação podem surgir muito naturalmente” a partir da “reflexão sobre os nossos modos ordinários de justificação”. E isso o deixa sentindo “a necessidade de algo a mais” (p. 203).

Mas onde se poderia encontrar esse “algo a mais”? A observação e a descrição do que fazemos realmente, a seu ver, nunca seria suficiente. “É possível *descrever* aquelas circunstâncias sob as quais empregamos afirmações epistêmicas de uma maneira estável”, ele diz, mas “isso... não mostra que nossas práticas epistêmicas são legítimas” (p. 199-200). Esta, aparentemente, é a preocupação com a qual ele permanece. Não é uma

preocupação sobre alguma afirmação particular de conhecimento ou mesmo sobre afirmações de um certo tipo. É uma exigência para a justificação de nossas “práticas epistêmicas” em geral.

Para ir até o fundo da insatisfação de Fogelin aqui, precisaríamos entender melhor como uma pessoa com tão admirável concepção não redutivista do conhecimento e com seus pés filosóficos sempre aparentemente plantados firmemente no chão pode, não obstante, ser atraído para longe dos confortos de um pirronismo não ameaçador por algum anseio de legitimação até agora não explicado. É um tributo à obra de Bob Fogelin que progredir nessa questão sobre ele seria entender melhor a fonte do apelo perturbador e ainda não totalmente compreendido da própria epistemologia tradicional.